

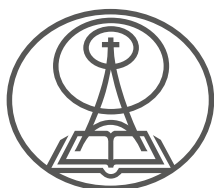
Esclarecendo
a controvérsia sobre os
tempos finais

Quando a Trombeta Soar

ICE COUCH PRICE CRUTCHFIELD JEFFREY ELMORE
HINDSON PENTECOST FEINBERG JOHNSON STANTON
TOUSSAINT WALVOORD HOUSE FEINBERG MCLEAN
GROMACKI TOWNSEND FRUCHTENBAUM THOMAS LAHAYE



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

Esclarecendo
a controvérsia sobre os
tempos finais

Quando a Trombeta *Soar*

ICE COUCH PRICE CRUTCHFIELD JEFFREY ELMORE
HINDSON PENTECOST FEINBERG JOHNSON STANTON
TOUSSAINT WALVOORD HOUSE FEINBERG MCLEAN
GROMACKI TOWNSEND FRUCHTENBAUM THOMAS LAHAYE

Thomas Ice & Timothy Demy (Editores Gerais)

Thomas Ice & Timothy Demy (Editores Gerais)

Quando a Trombeta Soar

Esclarecendo
a controvérsia sobre os
tempos finais

1ª Edição
2015



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Traduzido do original em inglês:
WHEN THE TRUMPET SOUNDS
Harvest House Publishers – Eugene, Oregon
ISBN 1-56507-313-4

Tradução: Carlos Osvaldo Pinto
Revisão: Traudi Federolf, Sérgio Homeni, Ione Haake, Célia Korzanowski, Arthur Reinke
Edição: Arthur Reinke
Capa e Layout: Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada SBB (ARA), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão Internacional (NVI), Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF), ou Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.
Copyright © 2015 Actual Edições

R. Erechim, 978 – B. Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385
www.chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)

Q1 Quando a trombeta soar : esclarecendo a controvérsia sobre os tempos finais / Thomas Ice, Timothy Demy, editores gerais ; tradução, Carlos Osvaldo Pinto. – Porto Alegre : Actual Edições, c2015.

464 p. ; 15,0 x 22,0 cm.

Tradução de: When the trumpet sounds.

ISBN 978-85-7720-110-5

1. Bíblia. 2. Profecia bíblica. 3. Arrebatamento. I. Ice, Thomas. II. Demy, Timothy. III. Pinto, Carlos Osvaldo. IV. Título.

CDU 22.016
CDD 220.15

(Bibliotecária responsável: Nádia Tanaka – CRB 10/855)

Índice

Prefácio.....	7
Introdução.....	9
1. De Volta Para o Futuro: Mantendo o Futuro no Futuro	11
2. Os Principais Textos e Termos Bíblicos Sobre o Arrebatamento	27
3. Termos do Antigo Testamento Referentes à Tribulação	57
4. A Bendita Esperança e a Tribulação Nos Escritos dos Pais Apostólicos.....	83
5. Uma Declaração em Favor do Arrebatamento Pré-Tribulacional Nos Primórdios da Igreja Medieval	101
6. Os Anos da Formação de John Nelson Darby.....	119
7. O Arrebatamento e a Segunda Vinda: Dois Aspectos da Volta de Cristo	143
8. A Relação Entre a Igreja e o Reino de Deus.....	155
9. O Debate Sobre o Arrebatamento: Quem Tem Que Provar o Que e Como	179
10. Interpretação Literal: Um Apelo ao Consenso	203
11. A Doutrina da Iminência: Será Ela Bíblica?	213
12. A Igreja e o Arrebatamento São Mencionados em Mateus 24?.....	225
13. 1 Tessalonicenses 4: Um Texto-Chave Sobre o Arrebatamento	241
14. O Termo Apostasia em 2 Tessalonicenses 2.3: Apostasia ou Arrebatamento? ...	249
15. 2 Tessalonicenses 2 e o Arrebatamento.....	283
16. Cronologia e Seqüência no Apocalipse de João	295
17. Onde Está “a Igreja” em Apocalipse 4-19?.....	333
18. O Arrebatamento em Apocalipse 3.10.....	345
19. Existe o Arrebatamento Pré-Ira?	359
20. Uma Avaliação Crítica da Hermenêutica do Dispensacionalismo Progressivo ...	389
21. Doze Razões Pelas Quais Esta Pode Ser a Última Geração	403
Notas	421
Glossário.....	461
Sobre os Autores e Colaboradores	463

Dedicatória

Esta coletânea de ensaios é dedicada com afeto e respeito a John F. Walvoord que, como o maior defensor do Arrebatamento pré-tribulacional em nosso século, fiel e diariamente pregou, ensinou e viveu a bendita esperança da vinda de Jesus.

Prefácio

Charles C. Ryrie

Eu costumava dizer aos alunos que preferia que eles chegassem a alguma conclusão quanto ao que a Bíblia ensina sobre o futuro, mesmo que não fosse o pré-milenismo, a que se tornassem agnósticos escatológicos. Um agnóstico escatológico é alguém que afirma que o ensino bíblico sobre o futuro é desconhecido e impossível de conhecer e, por isso, um assunto a ser evitado.

Penso que esse rótulo também poderia ser aplicado à questão do Arrebatamento. Também existem agnósticos do Arrebatamento. Eles pensam que não podemos determinar a relação entre o Arrebatamento e a Tribulação e, por isso, sequer tentam chegar a alguma conclusão quanto a essa doutrina.

Outras vezes, a desculpa para ignorar a questão do Arrebatamento é que, já que existe tanta diferença de opinião sobre o assunto, não deveríamos lhe dar tanta importância. Diferenças de opinião, todavia, existem quanto a todas as doutrinas bíblicas. As pessoas diferem em sua compreensão da autoridade da Bíblia, do conceito de Deus, da Pessoa e da obra de Cristo, da Pessoa e da obra do Espírito Santo, da criação, do pecado, da Igreja e das coisas futuras. Deveríamos, então, evitar toda doutrina e permanecer completos agnósticos doutrinários?

Este livro ajudará a responder perguntas que as pessoas têm sobre vários aspectos da escatologia, inclusive sobre a ocasião do Arrebatamento. Ele lida com a interpretação de passagens relevantes da Escritura, hermenêutica, iminência, história e outros assuntos importantes a uma compreensão adequada do Arrebatamento. Os autores dos ensaios formam um verdadeiro “Quem é Quem” entre os especialistas na área de pré-milenismo e pré-tribulacionismo. Não podemos ignorar o que eles escrevem.

O estudo deste livro, além de aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto, irá também, com certeza, aprofundar seu amor para com a vinda de nosso Senhor.

Introdução

O Novo Testamento ensina claramente que cada crente tem uma esperança, uma **benedita** esperança por um destino grandioso e glorioso. Essa esperança é pessoal e, ao mesmo tempo, uma Pessoa. Em primeiro lugar, ela é oferecida a cada crente como indivíduo e, em segundo lugar, nossa esperança se acha na Pessoa do Senhor Jesus Cristo. A Bíblia retrata esta esperança usando a simbologia dos antigos costumes matrimoniais judaicos. Nos tempos bíblicos, a jovem comprometida esperava ansiosamente, a qualquer momento, o retorno de seu noivo, que a levaria para a casa do pai dele, na celebração festiva do casamento. Durante esse tempo de esperar e vigiar esperançosamente, a lealdade da noiva ao noivo era posta à prova. De maneira semelhante, o Arrebatamento oferece à Igreja a mesma sensação de espera e expectativa. A espera pelo Arrebatamento oferece aos crentes uma motivação diária semelhante à da noiva, mantendo uma vida pura e piedosa até que Ele volte. Assim como a donzela comprometida esperava ansiosamente por amor ao seu noivo, assim também nós devemos esperar a volta iminente de nosso Senhor. *A quem não tendo visto, amais (1Pe 1.8a)*. Essa motivação não constitui escapismo; antes, ela flui do amor e da devoção de um crente sincero para com nosso Senhor.

O Arrebatamento da noiva por Jesus Cristo ocupa um lugar central, não só no Novo Testamento, como também na vida e no pensamento do crente. O estudo e as implicações da Palavra de Deus são sempre importantes. É por causa dessa importância que apresentamos os ensaios que se seguem. O Arrebatamento é o acontecimento profético central para o crente, portanto, seu estudo é vital para a vida cristã, tanto no plano individual quanto no corporativo. O estudo da profecia não deve ser realizado por sua natureza sensorial ou exótica, mas pelo desejo de conhecer a Palavra de Deus e as verdades nela contidas. Estudantes novatos de profecia muitas vezes se frustram com a complexidade dos esquemas proféticos e das posições divergentes frequentemente encontradas entre crentes sinceros e dedicados. Isso é lamentável, pois em seu desânimo devido à complexidade profética, eles se esquecem da certeza profética. Nossa esperança é tão certa quanto gloriosa!

Qualquer pessoa interessada em profecia escatológica obterá grande proveito dos ensaios deste livro. Alguns são simples e enlevam o coração; outros são mais técnicos e desafiam a mente, mas todos promovem e apóiam o ensino bíblico de que Cristo vai arrebatá-la Sua noiva antes dos sete anos da Tribulação. Entre os autores que contribuíram para este volume incluem-se muitos dos mais conhecidos porta-vozes do pré-tribulacionismo. Esta é, provavelmente, a coletânea mais significativa de ensaios relativos ao Arrebatamento.

O desejo de promover uma melhor compreensão desta esperança certa e gloriosa levou, em 1994, ao estabelecimento do Centro de Pesquisas do Pré-Tribulacionismo. O centro nasceu da preocupação de Tim LaHaye com o ensino do Arrebatamento à presente geração. Em 1992, LaHaye e Thomas Ice reuniram um grupo de eruditos bíblicos, comunicadores e pastores para uma conferência conhecida como Grupo de Estudos Pré-Tribulacionistas. Este grupo cresceu e se reuniu anualmente desde 1992, e muitos dos ensaios contidos no livro surgiram nessas conferências. Há muito material disponível no Centro, e qualquer pessoa que queira saber mais sobre seus recursos e ministérios pode escrever para: *Pre-Trib Research Center, 370 L'Enfant Promenade, S. W., Suite 801, Washington, D.C., 20024.*

Os editores expressam seu agradecimento ao Dr. Roy Zuck, editor de *Bibliotheca Sacra*, pela permissão de republicar o artigo de Jeffrey Townsend sobre Apocalipse 3.10, publicado naquele periódico no número de Julho a Setembro de 1980. Também merecem nossos agradecimentos a Frontier Research Publications pela permissão de publicar o ensaio de Grant Jeffrey, parte de seu livro *Rush to Judgment (Correndo para o Juízo)*, e também à editora Harvest House, especialmente Bob Hawkins, Jr. e Betty Fletcher. O amor, a paciência e o apoio de nossas esposas Janice Ice e Lyn Demy, foram imensuráveis.

Thomas Ice e Timothy Demy
Washington, D.C.
Fevereiro/1995
www.pre-trib.org

De Volta Para o Futuro: Mantendo o Futuro no Futuro

VISÃO PANORÂMICA

Quando será cumprida a profecia bíblica? Por que a questão da cronologia é tão importante para a compreensão correta da profecia bíblica? Os principais acontecimentos proféticos, como a Tribulação, o Milênio e a Segunda Vinda ocorrerão no futuro, depois do término da presente era da Igreja. Por isso, tentar relacionar, à presente era, acontecimentos que se desenrolarão no futuro é incoerente com a conclusão interpretativa original de que eles acontecerão no futuro. Este autor argumenta que precisamos estar cômnicos do que é futuro e manter o futuro no futuro.

“A ocasião é tudo”, ouvi alguém dizer recentemente. Uma boa piada pode ser estragada se contada numa ocasião inoportuna. O motor de um automóvel não funcionará bem se a sincronia dos cilindros não for exata. A sincronia também é importante nos esportes. Ela pode fazer a diferença entre um craque e um jogador medíocre. A ocasião certa também é importante no caso de alguém receber uma herança. Se ela chegasse poucos dias antes da morte do herdeiro o dinheiro não significaria tanto para essa pessoa quanto significaria se a herança chegasse no vigor da juventude. A questão do tempo, da ocasião, também é importante para a profecia bíblica.

Um dos aspectos mais importantes, mas aparentemente pouco notado, da interpretação correta da profecia bíblica é o papel da cronologia. Quando é que a profecia bíblica será cumprida na história? Há quatro possibilidades, e elas refletem as únicas quatro possibilidades em relação ao tempo: passado, presente, futuro e atemporal.

A escola preterista (passado) crê que a maioria, se não todas, as profecias já foram cumpridas, em relação à destruição de Jerusalém em 70 d.C. A escola historicista (presente) entende que a maior parte da atual era da Igreja equivale ao período da Tribulação. Assim, a profecia tem sido e continuará a ser cumprida durante a presente era da Igreja. Os futuristas (futuro) crêem que virtualmente todos os eventos proféticos ocorrerão não na era da Igreja, mas no período ainda futuro da Grande Tribulação, na Segunda Vinda e no Milênio. A escola idealista (atemporal) não crê que a Bíblia indique qualquer cronologia de eventos nem que possamos determinar antecipadamente o tempo de sua ocorrência. Por isso, os idealistas pensam que as passagens proféticas ensinam principalmente grandes idéias ou verdades sobre Deus aplicáveis sem a preocupação com cronologia.

A necessidade do futurismo como apoio ao pré-tribulacionismo

Das quatro escolas apresentadas acima, a única que lógica e historicamente tem apoiado a posição pré-tribulacionista é a futurista. Por quê? Porque a ocasião do Arrebatamento tem relação com a data em que a Tribulação acontecerá na história. O preterismo afirma que a Tribulação já aconteceu. O historicismo diz que a Tribulação começou no quarto século com os acontecimentos ligados à cristianização do Império Romano por Constantino e continuará até a Segunda Vinda. O idealismo nega que haja uma cronologia dos eventos. Assim sendo, apenas o futurismo, que vê a Tribulação como um evento ainda futuro, poderia admitir um Arrebatamento antes

do princípio daquele período de sete anos. Isso não significa, todavia, que todos os futuristas sejam pré-tribulacionistas; não são. No entanto, para ser um pré-tribulacionista você precisa ser futurista.

Desenvolvimento histórico

Os primeiros pais pós-apostólicos geralmente viam a profecia como um indicador de eventos futuros iminentes. Eles poderiam, na melhor das hipóteses, ser classificados como futuristas inconstantes, já que quase sempre entendiam eventos e personalidades proféticos como futuros (p. ex., o Anticristo, a reconstrução do templo, a marca da besta). Ocasionalmente, entretanto, falavam como se cressem já estar na Tribulação (uma característica do historicismo). Uma vez que o futurismo é o produto da aplicação mais coerente de uma interpretação literal ao texto das Escrituras, começou a decrescer à medida que a interpretação alegórica ganhou proeminência na passagem do quarto para o quinto século. Por causa da fusão entre a Igreja e o Estado no tempo de Constantino, muitos líderes da Igreja quiseram suprimir a interpretação literal do pré-milenismo, que colocava o Império Romano no papel de vilão. Na verdade, Jerônimo (345-420), Agostinho (354-430) e outros começaram a ensinar que a era áurea de Apocalipse 20 não precisava esperar pela Segunda Vinda de Cristo, conforme ensinado pelos pré-milenistas. Pelo contrário, ela já teria sido estabelecida com a derrota da Roma pagã pela Igreja e pela ascensão do Cristianismo a uma posição de domínio virtual no Império. Assim, as sementes do preterismo, do historicismo e do idealismo lançaram a base da interpretação alegórica e substituíram a interpretação literal da profecia.

História do preterismo

O anti-milenismo ofereceu o motivo para a interpretação não-literal empregada pelo preterismo, pelo historicismo e pelo idealismo. Interpretações preteristas do Sermão Profético começaram a aparecer em escritores como Eusébio (263-339) em sua **História Eclesiástica e A Prova do Evangelho**. Apesar disso, ele não a aplicou de maneira constante ao livro de Apocalipse. Um cumprimento do Sermão Profético no ano 70 é interpretação comum entre preteristas, historicistas e idealistas. “A primeira apresentação sistemática da posição preterista se originou no começo do século XVII com Alcazar, um monge jesuíta”. A obra de Alcazar surgiu em 1614 e influenciou significativamente o primeiro preterista protestante, o ho-

landês Hugo Grotius, que publicou sua obra em 1644. O preterismo surgiu pela primeira vez na Inglaterra num comentário de Henry Hammond em 1653.

Essas primeiras formas de preterismo eram brandas e pouco desenvolvidas pelos padrões de hoje. Entendiam Apocalipse como uma obra “que descrevia a vitória da Igreja primitiva, cumprida na queda da nação judaica e na derrubada da Roma pagã, limitando-se assim aos primeiros seis séculos da era cristã, e fazendo de Nero o Anticristo”.^{1,2} Em contraste com isso, as formas atuais de preterismo concentram todo o cumprimento do livro de Apocalipse em torno da destruição de Jerusalém no ano 70 de nossa era. Assim, o preterista David Chilton escreve: “O livro de Apocalipse não trata da Segunda Vinda de Cristo. Trata da destruição de Israel e da vitória de Cristo sobre Seus inimigos no estabelecimento do Templo da nova aliança”.³

História do historicismo

As interpretações preterista e historicista enfatizam, ambas, o cumprimento histórico na presente era da Igreja e, por vezes, são confundidas uma com a outra. Os preteristas normalmente limitam o cumprimento histórico ao primeiro século, pois crêem que toda profecia já foi cumprida. Os historicistas, por sua vez, vêem toda a história da Igreja como o cumprimento de Apocalipse e como preparação para o segundo advento que ainda é futuro. Assim, ainda que na concepção a maior parte de Apocalipse já se tenha cumprido, o historicista crê que algumas passagens e acontecimentos ainda aguardam cumprimento futuro. Crêem também, mais que outras escolas, que a profecia pode ser cumprida em nossos dias, já que entendem que a Igreja já está na Tribulação há mais de 1.500 anos.

Formas primitivas de historicismo surgiram por volta do quarto século, quando intérpretes começaram a ver os eventos de sua época como cumprimento da profecia bíblica. Mais tarde, Joaquim de Fiore (1135-1202) acelerou o desenvolvimento do historicismo ao dividir a história em três eras. A primeira, a era do Antigo Testamento sob a Lei e Moisés teria sido a era de Deus, o Pai. Depois disso teria vindo a era do Novo Testamento, com Cristo e a graça proclamada por Paulo, que teria durado até 1260. A terceira era, a era do Espírito Santo, (que teria começado em 1260) seria um tempo de amor que duraria até que todo o mundo fosse ganho para Cristo. O historicismo se desenvolveu mais completamente quando o esquema proposto por Joaquim de Fiore foi revisado e associado ao cumprimento do livro de Apocalipse. Os Reformadores foram particularmente atraídos

pelo historicismo, pois ensinavam que o Papa era o Anticristo e se viam como o remanescente fiel perseguido por Roma. O historicismo se tornou tão dominante durante a Reforma e até o século XIX que foi aceito como a “interpretação protestante”.

Pouco depois de atingir o auge de sua popularidade nas primeiras décadas do século XIX, o historicismo começou um declínio do qual jamais se recuperou. Esse declínio foi o resultado de vários fatores. Como já se haviam passado 1800 anos de história da Igreja, a crença historicista de que a Segunda Vinda estava próxima alcançou níveis de histeria. Com base em princípios hermenêuticos historicistas, o americano William Miller marcou a data da volta de Cristo para 1843, revisando-a depois para 1844. Tais marcações de datas ajudaram a destruir a confiança no sistema. Outro fator para o declínio estava relacionado à posição historicista de que a Igreja Católica Romana era o Anticristo, devido à sua apostasia da fé verdadeira. Por volta da segunda metade do século XIX, o protestantismo estava sendo ameaçado pelo crescimento do liberalismo, que os evangélicos viam como uma ameaça mais séria que o catolicismo. Por fim, o surgimento de uma abordagem mais literal da profecia produziu um reavivamento do futurismo, que fazia mais sentido para os pré-milenistas evangélicos. Não fosse pelos Adventistas do Sétimo Dia, o historicismo virtualmente não teria adeptos hoje em dia.

História do futurismo

Embora não apresentasse um futurismo tão desenvolvido quanto o atual, podemos classificar a Igreja primitiva como futurista, mais do que qualquer outra posição. Com poucas exceções, a Igreja primitiva cria que acontecimentos como a Tribulação, o Milênio e a Segunda Vinda iriam acontecer no futuro. À medida que posições anti-milenistas começaram a surgir no terceiro século e a cristianização do Império com Constantino progrediu durante o quarto século, o futurismo começou a ser substituído. Na passagem do quarto para o quinto século, a influência de Jerônimo e de Agostinho contrariava ao futurismo levando-o à clandestinidade, onde permaneceu durante os mil anos do medievalismo. Durante esse tempo, todavia, sobreviveram bolsões de futurismo espalhados entre vários grupos que recusaram ficar sob a autoridade católica romana. Há descobertas de “apocalipsismo” medieval que indicam graus variados de futurismo.

A Reforma trouxe consigo uma volta ao estudo das fontes da civilização ocidental. Na Europa setentrional essas fontes incluíram os primeiros escritores cristãos, e estes ajudaram num reavivamento do

estudo da profecia com uma abordagem futurista, tanto entre os católicos como entre os protestantes. O jesuíta Francisco Ribera (1537-1591) foi um dos primeiros a reativar uma forma não-sistematizada de futurismo, por volta de 1580. Devido à dominância do historicismo, o futurismo quase não fez progressos dentro do protestantismo até a terceira década do século XIX e os escritos do erudito anglicano S. R. Maitland em 1826. Nos últimos anos daquela década o futurismo começou a ganhar adeptos e a crescer nas Ilhas Britânicas, muitas vezes motivado por um interesse renovado no plano de Deus para Israel. Nessa ocasião, um dos seus mais influentes convertidos foi John Nelson Darby. Por intermédio de Darby e outros expositores dentre os Irmãos de Plymouth, o futurismo se espalhou para os Estados Unidos e para todo o mundo evangélico e depois para o fundamentalista. Os últimos 150 anos assistiram, pela primeira vez, o desenvolvimento pleno de um futurismo coerente. Isso, por sua vez, levou à formulação do dispensacionalismo e a uma compreensão mais clara do Arrebatamento pré-tribulacional da Igreja.

A história do idealismo

O idealismo é, das quatro abordagens, a menos sistematizada. Portanto, é mais difícil classificá-lo quanto a características específicas. Mais provavelmente, teve seu início durante o quarto ou quinto séculos, por meio de pessoas que eram anti-milenistas e anti-literais em sua compreensão da profecia. Desde aquela ocasião até o presente, houve sempre uma pequena minoria na Igreja que não se ocupou com a cronologia da profecia bíblica. O debate mais vigoroso tem acontecido entre as três abordagens que advogam uma cronologia específica no cumprimento da profecia bíblica.

Combinações complexas

Para muitas pessoas, compreender as diferenças entre pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo representa um desafio significativo. Ele se torna ainda mais complexo, todavia, quando se acrescentam as quatro abordagens cronológicas à profecia. Como muitas outras coisas que parecem complexas, no entanto, tal compreensão não é difícil se fizermos um esforço de compreender as características básicas de cada abordagem. Haverá então uma base para entender as combinações das diferentes abordagens. Em termos da lógica dos vários métodos, quais são as combinações possíveis de realizar? O quadro abaixo resume essa informação:

CRONOLOGIA PROFÉTICA E POSIÇÕES QUANTO AO MILÊNIO

Cronologia	AMILENISMO	PÓS-MILENISMO	PRÉ-MILENISMO
Preterismo	SIM	SIM	NÃO
Historicismo	SIM	SIM	SIM
Futurismo	NÃO	NÃO	SIM
Idealismo	SIM	SIM	NÃO

Dentro do pré-milenismo há outras possibilidades, conforme indicado no gráfico abaixo:

Cronologia	PRÉ-TRIB.	MIDI-TRIB.	PÓS-TRIB.
Preterismo	NÃO	NÃO	NÃO
Historicismo	NÃO	SIM	SIM
Futurismo	SIM	SIM	SIM
Idealismo	NÃO	NÃO	NÃO

Os gráficos acima mostram os diferentes pontos de vista de modo a que se possa desenvolver uma abordagem bíblica coerente. Presumindo o ponto de vista pré-milenista pré-tribulacionista, qual seria o modelo mais coerentemente bíblico? Creio que é ilustrado no gráfico abaixo. O gráfico da casa pré-tribulacionista é composto de três aspectos principais: (1) o alicerce; (2) a estrutura da casa; (3) o telhado. O alicerce representa quatro áreas bíblicas que apóiam o pré-tribulacionismo. A estrutura da casa representa seis argumentos principais em favor do pré-tribulacionismo. O telhado ilustra a significância prática da doutrina que é sustentada pelo alicerce e pela estrutura.

A DOCTRINA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONAL

Motivação prática para vida piedosa, evangelismo e missões
Arrebatamento Pré-tribulacional

• Contraste entre as duas vindas		
• A necessidade de um intervalo entre as duas vindas		
• A doutrina da iminência do Arrebatamento		
• A natureza da Tribulação		
• A natureza da Igreja		
• A obra do Espírito Santo		
Pré-milenismo	Futurismo	Distinção entre Israel e Igreja
Interpretação literal coerente da Bíblia		

Futurismo coerente

Uma vez que um intérprete bíblico chegue a uma conclusão de que determinados indivíduos e acontecimentos sejam futuros (está fora do escopo deste artigo estabelecer e defender o futurismo), ela deve ser coerente. Por exemplo, se os acontecimentos e personalidades relacionados à Tribulação forem vistos como futuros em relação à presente era da Igreja, será incoerente dizer que eventos que acontecem hoje, durante a era da Igreja, estão cumprindo eventos que realmente só deverão ocorrer durante a Tribulação. Os historicistas identificam a era da Igreja com a Tribulação, mas os futuristas não o fazem. Logicamente, pelo menos, não deveriam fazê-lo.

O louco de Waco

Todos recordamos o episódio de David Koresh, que liderava uma seita nos arredores de Waco, no Texas, alguns anos atrás. Koresh entendia a história de uma perspectiva historicista, de acordo com sua tradição Adventista do Sétimo Dia. Coerente com a abordagem historicista, ele não acreditava num Arrebatamento pré-tribulacional. Pensou que ele e seus seguidores estivessem na Tribulação e que os juízos dos seis primeiros selos haviam sido derramados sobre os Estados Unidos e o mundo. O ministério de Koresh girava em torno de sua crença de que ele era o Cordeiro de Apocalipse 7.17, e que estava prestes a abrir o juízo do sétimo selo (Ap 8.1-5). Ele cria que a profecia estava se cumprindo em nossos dias. É claro que Koresh estava errado por muitas razões, e dentre essas incluía o fato de que seu ponto de vista quanto à cronologia estava errado. Ainda não estamos na Tribulação. Ainda estamos na era da Igreja. Os acontecimentos da Tribulação não podem ocorrer na era da Igreja.

A incoerência da marcação de datas pelos futuristas

Durante os últimos anos temos assistido a um grande número de futuristas que tentaram determinar a data do Arrebatamento. Eu creio que isso é impossível caso o futurista seja coerente com os princípios do futurismo. Por quê? Porque, de acordo com o futurismo pré-tribulacional a data do Arrebatamento não é ligada, de qualquer maneira, a qualquer evento terreno que possa servir como base para a datação. O Arrebatamento é um acontecimento sem sinais. Uma

vez que há sinais relacionados à Segunda Vinda, alguns dizem que podem calcular a data da Segunda Vinda com base em um sinal, subtraindo depois sete anos para chegar à data do Arrebatamento. O problema com tal procedimento é que nenhum dos sinais da Segunda Vinda é ativado até o começo da Tribulação, depois do Arrebatamento. Então, e somente então, começa a contagem regressiva dos sete anos. A Tribulação não pode começar até que a era da Igreja termine com o Arrebatamento; então o período de sete anos estará pronto para começar. Até que ele comece, nenhum dos sinais oferecerá qualquer ajuda para datar o Arrebatamento.

Os que são futuristas pré-tribulacionais têm que abandonar o método futurista para especularem sobre uma data para o Arrebatamento. O sistema futurista impede a datação. É por isso que futuristas que tentam marcar datas se voltam para algum tipo de historicismo que iguala a presente era à Tribulação. Se, porém, o indivíduo está trabalhando debaixo da lógica da abordagem historicista, o historicismo não sustentará a doutrina do Arrebatamento pré-tribulacional. Ao operar com base em princípios historicistas, o futurista solapa a base do Arrebatamento pré-tribulacional que está tentando datar. Talvez seja a falta de percepção quanto aos princípios de cronologia sobre os quais se apóia o Arrebatamento pré-tribulacional que permitiu que tais incoerências surgissem dentro das tradições pré-tribulacionistas.

Quando Edgar Whisenant lançou seu livro sobre datas, *88 Reasons Why the Rapture Will be in 1988* (88 Razões Pelas Quais o Arrebatamento Acontecerá em 1988), fez um estudo intenso e detalhado da obra. Whisenant começou presumindo um Arrebatamento pré-tribulacional (possivelmente um Arrebatamento parcial) e depois tratou o texto das Escrituras não como futurista, como deveria ter feito para ser coerente com sua visão do Arrebatamento, mas como um historicista, usando passagens escritas a respeito de Israel como se tivessem sido escritas para a Igreja. Se a abordagem de Whisenant fosse usada logicamente, tal como encontrada em seu livro, não haveria qualquer base para apoiar a teoria do Arrebatamento pré-tribulacional, exatamente aquilo que ele estava tentando datar.

As festas de outono em Israel

Uma outra abordagem datacionista, popular mas incoerente, envolve a Festa das Trombetas em Israel. A Bíblia ensina um ciclo de sete festas que Israel deveria celebrar anualmente. Essas sete festas são: Páscoa, Pães Asmos, Primícias, Semanas, Trombetas, Dia da

Expição e Tabernáculos. As primeiras quatro festas são observadas na primavera, e as três restantes são celebradas no outono. Uma interpretação comum conclui que as festas também são proféticas em relação à carreira do Messias. Afirma-se que o ciclo da primavera foi cumprido por Cristo em Sua Primeira Vinda, ao passo que o ciclo do outono será cumprido no futuro por ocasião dos eventos relacionados à Segunda Vinda. Até este ponto não tenho problemas com esse esquema. Tenho dificuldade, porém, com aqueles que ensinam que a quinta festa (Trombetas) é uma referência ao Arrebatamento. Uma vez que *Rosh HaShaná* (o termo hebraico para a Festa das Trombetas) é celebrada anualmente em 1º de *Tishri* segundo o calendário hebreu (geralmente ocorre em setembro no calendário ocidental contemporâneo), e uma vez que se afirma que trombetas estão relacionadas ao Arrebatamento (1Co 15.52), a conclusão é que o Arrebatamento vai acontecer em 1º de *Tishri*, quando o ciclo das festas do outono começar a se cumprir. Os que propõem esse esquema argumentam que se o ano do Arrebatamento puder ser determinado, saberemos que iria acontecer no outono daquele ano. Parece que muitos dos esquemas mais recentes e populares de datação utilizam de alguma forma o ciclo de festas israelitas.

Há, todavia, um problema significativo com esta abordagem que desqualifica qualquer uso dela para fins de determinação de datas. As festas religiosas de Israel dizem respeito a Israel e apenas a Israel. É verdade que o cumprimento das festas de Israel relaciona-se com a salvação para toda a humanidade, mas o cumprimento preciso se relaciona exclusivamente a Israel como nação. O Arrebatamento é um novo evento, relacionado apenas à Igreja e assim não poderia ter sido predito por meio de revelação do Antigo Testamento, tal como foram as festas de Israel. Portanto, qualquer uso das festas de Israel para tentar determinar a data do Arrebatamento é inválido.

Uma abordagem coerente

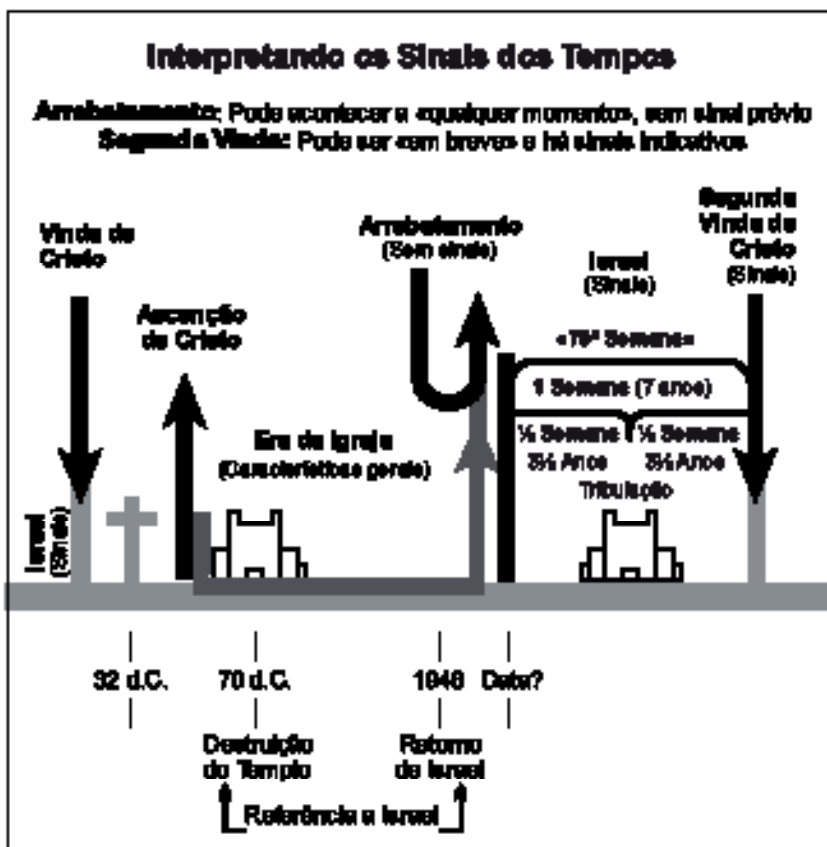
Como é que o intérprete de profecia bíblica se assegura de ter a cronologia correta? Um bom intérprete mantém o futuro no futuro. Se em determinada passagem um evento deve ocorrer na Tribulação, então não pode ocorrer durante a era da Igreja. É errado afirmar que tal evento já está sendo cumprido.

No começo da década de 70, durante meu tempo na universidade, lembro-me de ter lido Isaías 24.4-5, que fala da terra ser “*contaminada por causa dos seus moradores*”. Veio à minha mente a idéia de que este versículo era uma profecia sobre a poluição de nossos dias,

pois eu vinha ouvindo muita coisa sobre poluição nos noticiários. Assim, procurei alguns amigos com minha idéia de que Isaías 24.5 estava se cumprindo em nossos dias. Desnecessário dizer, eles não ficaram tão entusiasmados quanto eu com minha descoberta hermenêutica. Mais tarde descobri que estava errado, pois o contexto da passagem se refere aos juízos que acontecerão durante o período futuro da Grande Tribulação. Assim sendo, seja lá o que estivesse acontecendo nos anos 70 com respeito à poluição, não tinha nada a ver com Isaías 24.5. Eu tinha usado uma abordagem historicista naquela passagem, relacionando um evento futuro à presente era da Igreja.

Apesar de enfatizar que não devemos misturar o futuro com o presente, não quero com isso dizer que eventos atuais não tenham significância futura. A questão é como eles se relacionam e têm significância. Afinal de contas, como futurista, espero que Deus um dia vá cumprir Seu plano para os últimos dias, no futuro, provavelmente em futuro próximo. Qual seria, portanto, uma abordagem coerente deste assunto?

Penso que seja válido afirmar que Deus está preparando o cenário para Seu grande programa escatológico. O que quer dizer isso? O Arrebatamento e o fim da presente era da Igreja estão relacionados como um evento para o qual não há sinais, o que torna impossível identificar quaisquer sinais que indiquem a proximidade do Arrebatamento. É por isso que todas as tentativas de datar o Arrebatamento têm sido levadas a relacionar erradamente o plano de Deus para Israel à Igreja. Todavia, uma vez que a Bíblia apresenta um cenário claro de atores, eventos e nações envolvidos na Tribulação escatológica, podemos perceber a preparação divina para os sete anos finais das setenta semanas de Daniel. Observe-se o gráfico na página seguinte.



Israel como nação

O fato de Israel ter sido restabelecido como nação e agora controlar Jerusalém é um forte indício de que nos aproximamos do fim da era da Igreja. Isso é apenas um indício geral, já que nenhuma tabela cronológica nos é oferecida desse processo de preparação. Por isso, não podemos saber com certeza se somos a última geração antes do Arrebatamento, já que Deus pode escolher “montar o cenário” pelos próximos 100 anos ou mais. John F. Walvoord afirma, corretamente: “Não há base bíblica para que se marquem datas para a volta do Senhor ou para o fim do mundo... À medida que estudiosos da Bíblia observam princípios corretos de interpretação, estão ficando cada vez mais cômicos de uma notável correspondência entre a tendência óbvia dos eventos mundiais e o que a Bíblia predisse há séculos”.⁴

Embora provavelmente todas as passagens do Antigo Testamento que predizem a restauração e o retorno de Israel à sua terra nos últimos dias estejam relacionadas a eventos futuros da Tribulação ou do Milênio e, assim, num sentido técnico e preciso, não encontrem cumprimento atual (Ezequiel 37 é uma exceção), isto não significa que os eventos atuais não tenham relação com o cumprimento da profecia bíblica.

Ezequiel 37 ensina que Israel será restaurado à sua terra em etapas. Essas etapas são o reverso do que acontece no processo de decomposição de um corpo. Assim, Ezequiel 37.6-8 retrata um vale de ossos secos sobre os quais se formam tendões, que são envolvidos com carne, a qual é recoberta de pele, até chegar à etapa final. O fôlego é restaurado ao corpo, e assim a vida será restaurada a Israel como nação. Embora o produto final, completo, só venha a ficar pronto em algum ponto do final da Tribulação, é claro que Israel será reunido em estado de incredulidade como preparação para aquele ponto futuro em que será espiritualmente revivido.

Estudiosos de profecia de abordagem futurista há muito vêm ensinando, com base em Ezequiel 37, que Israel será reunido em sua terra ainda incrédulo, e será depois convertido a Jesus, o seu Messias. Por exemplo, em 1918, a Conferência Profética de Filadélfia adotou uma declaração de fé profética. O quinto artigo dizia: “Cremos que haverá um retorno de Israel à sua terra, ainda em incredulidade e que, mais tarde, a nação será convertida pelo aparecimento de Cristo, quando Ele vier em seu socorro”.⁵ Israel está de fato cumprindo profecias bíblicas por causa de sua existência atual e de seu reagrupamento e porque o contexto de Ezequiel 37 permite o cumprimento de parte dessa passagem antes da Tribulação, na presente era da Igreja. Assim, o fato da nação de Israel existir e estar sendo reagrupada dá sentido a outros acontecimentos atuais que servem como “montagem do cenário” profético.

Preparando o cenário para a Tribulação

Outro ponto a recordar é que assim como, na época da Igreja primitiva, houve uma transição entre o trato direto de Deus com Israel e Seu relacionamento com a Igreja, assim parece que vai haver uma transição ao final da época da Igreja, enquanto Deus prepara a retomada do Seu plano inacabado para Israel depois do Arrebatamento. A era da Igreja claramente começou em Pentecostes, mas cerca de 40 anos depois, na destruição do Templo em Jerusalém em 70 d.C., uma profecia específica relacionada ao

plano de Deus para Israel veio a se cumprir historicamente. Este foi o cumprimento final relacionado à transição de Israel para Igreja. Durante os últimos cem anos temos visto acontecimentos que estão compondo o cenário para que os atores estejam a postos quando o Arrebatamento puser fim à era da Igreja e Deus retomar Seu plano para Israel durante a Tribulação.

Além disso, há predições de caráter geral sobre o transcurso da era da Igreja, tais como a tendência à apostasia (1Tm 4.1-6; 2Tm 3.1-17). Essas predições não se relacionam à ocasião do Arrebatamento, mas indicam tendências gerais ligadas à era da Igreja. É importante observar que quando se fala de uma característica geral como a apostasia, não importa quão ruim uma situação esteja, sempre pode piorar ou avançar um pouco mais. Assim, é uma base muito tênue apenas citar tendências gerais, sem indicadores históricos claros, como sinais dos últimos dias. Não importa quanto nossa época pareça se encaixar com determinada tendência, nunca podemos estar certos de que não haverá outros desenvolvimentos posteriores.

Alguns futuristas pré-tribulacionistas entendem Mateus 24.3-8 como uma referência ao fim da era da Igreja, pouco antes da Tribulação (Mt 24.9-28). Encontram significância contemporânea em eventos atuais no mundo como fomes, guerras e terremotos (Mt 24.7-8). Outros pré-tribulacionistas interpretam Mateus 24.3-8 como uma descrição de eventos que ocorrerão durante a primeira parte da Tribulação, e assim não vêem significância contemporânea nas guerras, fomes e terremotos. Isso, todavia, é uma diferença legítima de interpretação, não de aplicação.

Penso ser coerente com o futurismo imaginar um cenário de personagens e eventos que estarão a postos quando o plano de Deus para Israel for retomado depois do Arrebatamento. Esse cenário vê os eventos atuais como preparativos para os eventos escatológicos, mesmo que tais eventos não comecem a acontecer durante a presente época da Igreja. Tal modelo permite ao futurista pré-tribulacionista entender o Arrebatamento como um evento iminente, e ao mesmo tempo crer que podemos ser a última geração da era da Igreja. John Walvoord observou:

No cenário mundial contemporâneo há muitas indicações que levam à conclusão de que o fim desta era pode logo vir sobre nós. Essas profecias relacionadas ao tempo vindouro de sofrimento para Israel e de sua restauração definitiva podem estar destinadas a se cumprir na presente geração. Nunca antes na história do mundo houve tal confluência de evidências significativas de preparação para o fim.⁶

Conclusão

Alguns desdobramentos históricos que servem como preparação de cenário já estão lançando sua sombra sobre nossos dias. Incluem a apostasia religiosa, os preparativos para um Império Romano revivido na Europa, o retorno de Israel à sua terra, o renascimento de antigos inimigos de Israel como o Iraque (a Babilônia) e o surgimento da Rússia como um poder militar (a invasão de Gogue e Magogue) – todos eles como preparativos para eventos da Tribulação. Antes, porém, que a cortina seja erguida, a Igreja subirá aos ares no Arrebatamento. Até lá, vamos de volta para o futuro, mantendo-o no futuro.

Quando a Trombeta Soar

Esclarecendo a
controvérsia sobre os
tempos finais.

Respostas Fidedignas a Perguntas Controvertidas Sobre o Arrebatamento

À medida que nos aproximamos rapidamente dos últimos dias, a confusão sobre o que vai acontecer durante os tempos do fim torna-se mais e mais intensa.

Entre as perguntas de ponta nesse conflito estão as seguintes:

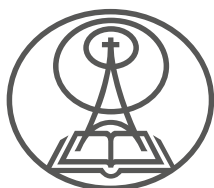
- * O Arrebatamento e a Segunda Vinda são dois acontecimentos distintos ou um mesmo evento?
- * O Arrebatamento vai acontecer antes, durante ou depois da Tribulação?
- * O Arrebatamento é uma ideia recente ou foi apoiado pelos primeiros cristãos?
- * O que a Bíblia pode nos dizer sobre o Arrebatamento e a Segunda Vinda?
- * Podemos, com algum grau de precisão, afirmar se o fim está próximo?

Em **Quando a Trombeta Soar**, vinte e um dos mais respeitados especialistas sobre profecia, na atualidade, unem forças para oferecer respostas definitivas que nos ajudam a distinguir entre fatos escatológicos e ficção escatológica. As pesquisas e descobertas apresentadas nos permitem formar um quadro claro do que podemos esperar nos dias por vir. Ao ler este livro seu entusiasmo pela profecia bíblica e pelos acontecimentos futuros crescerá e você terá uma compreensão melhor desse assunto empolgante!

ISBN 978-85-7720-110-5



9 788577 201105



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br